

História da Igreja Luterana em Petrópolis/RJ

A História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Petrópolis está intimamente ligada à história da colonização da Fazenda do Córrego Seco, na Serra da Estrela desde 1843.

Nos primeiros anos houve uma feliz cooperação entre três altas personagens que imprimiram à obra um cunho tão relevante, que até hoje se conserva bem visível. Referimo-nos ao Imperador Dom Pedro II, ao seu Mordomo Paulo Barbosa e ao Major Júlio Frederico Koeler, o primeiro diretor da colônia de Petrópolis.

Júlio Frederico Koeler, nascido em Mainz na Alemanha a 16 de junho de 1804, achava-se entre os oficiais engajados em 1828 na Europa, pelo Major Jorge Antonio Schaeffer para suprir as lacunas que surgiram no Exército do jovem Império Brasileiro com a retirada dos oficiais portugueses. Chegou ao Rio de Janeiro em julho de 1828 na galera “Harmonia” comandando um contingente de 185 soldados.

Após um exame prestado perante a Academia Militar da Corte, em 29 de agosto de 1828, foi admitido com 1º Tenente do Imperial Corpo de Engenheiros. Demitido após a sublevação do Corpo de estrangeiros em 1830, é porem readmitido desde 1833 e empregado no Serviço das Estradas, conforme consta da sua “Fé de Ofício”. Como encarregado da Seção do Centro das Obras Públicas da Província do Rio de Janeiro, atestou-lhe o Presidente da Província em 1839 que deu satisfatória conta das comissões de que tinha sido encarregado, tendo entre elas e principalmente o primeiro lugar, o importante trabalho da planta para o melhoramento da Estrada da Serra da Estrela, a mais perfeita e completa de todas quantas se fizeram no mesmo gênero, durante o tempo que o dito Presidente tinha administrado a Província.

Desta forma, no ano de 1837, é incumbido de grandes obras nesta estrada macadamizada, que era parte da ligação entre a Corte e Minas Gerais. Koeler lutava porem, com a falta de mão de obra e principalmente mão de obra hábil. Contudo chegou a sua grande oportunidade e soube aproveitá-la.

No dia 12 de novembro de 1837 aportava no Rio de Janeiro, com 238 alemães a bordo, o veleiro “Justine” destinado a Sidney na Austrália. Num artigo publicado em 1857 dizia o primeiro escrivão da colônia de Petrópolis, Frederico Damcke:

“Por desinteligências havidas a bordo, resolveram os 8imigrantes, ficar no Brasil. Koeler conseguiu traze-los para a obra da Estrada Normal, ao passo que o Governo Provincial garantiu o pagamento das passagens. Mais tarde estes “colonos” foram instalados no Itamarati, hoje 2º Distrito de Petrópolis.

Das 147 pessoas que em 1840 constituíam a Colônia de alemães no Itamarati, apenas se sabe por jornais da época, os nomes de alguns como; Sattler, Jung, Gross, Mueller.

Podemos informar hoje que na lista de confirmandos de 1855, onde é mencionado o lugar de nascimentos dos jovens, lemos nomes de localidades como: Laudert, Simmern, Ingelheim, Deisselbach, etc. Também chama a atenção um certo registro que diz: Johan Klein, nascido a 26 de abril de 1841 em Itamarati no Brasil, filho de Peter Klein e Maria Klein, nascida Hill.

Parece tratar-se de um filho de passageiros do Justine.

Consta que em 3 de março de 1840 foi celebrado o primeiro batizado evangélico de Catharina Bárbara Guntacher na Colônia do Itamaraty ou seja, em terras que hoje são parte importante do município de Petrópolis.

Salienta o Escrivão Damcke, que o Governo Provincial mandou para administrar os socorros religiosos aos colonos protestantes, um Pastor protestante, o Dr. Neumann, conhecido no mundo literário brasileiro como pessoa eminente.

Esta aventura dos passageiros do “Justine” que trocaram o destino da Austrália pelas matas fluminenses, teve diversos efeitos positivos.

Uma pergunta que surge ao lermos a história dos passageiros do “Justine” é: Há entre os membros atuais das comunidades evangélicas de Petrópolis e Juiz de Fora, descendentes daqueles primeiros evangélicos que trabalharam e moraram em terras que são hoje parte importante de Petrópolis? Porém o maior dos efeitos positivos da vinda dos passageiros do Justine para Petrópolis, consiste no fato de que a bem sucedida tentativa de Koeler de empregar os alemães, contribuiu decisivamente para a mudança de mentalidade que se operou nos meios governamentais da província.

A celebração do primeiro culto divino em Petrópolis

Por decreto de 16 de março de 1843, o Imperador Dom Pedro II, tendo na ocasião 17 anos e sendo noivo, determinou a construção de um Palácio de veraneio e o estabelecimento de uma povoação na antiga Fazenda do Córrego Seco que herdara de seu pai, entregando ao Major Koeler a direção das obras.

O Governo provincial por sua vez, encarregou em 1844 a firma Charles Del Rue de Dunquerque, para promover a vinda de 600 famílias alemãs para trabalharem nas obras públicas da Província. A primeira embarcação trazendo colonos alemães aportou no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1845. Era o veleiro Virginie, vindo de Dunquerque com 161 passageiros a bordo. Estes primeiros alemães chegaram a Petrópolis em 29 de junho de 1845, considerado Dia da Colonização Alemã em Petrópolis.

Em fins de 1845, existiam em Petrópolis 1921 alemães, sendo 711 evangélicos. O administrador da nova povoação sentiu o problema da cura de almas e num longo ofício redigido em 9 de julho de 1845 ao Presidente da Província dizia:

“Julgo meu dever lembrar a V. Excia, que muito convém a bem da moral e da religião, que haja eclesiásticos que prestem socorros divinos aos colonos e como não entendem a língua do país e sendo uns católicos e outros evangélicos, ofereço à V. Excia. As propostas adjuntas, relativas a dois curas; um católico e outro evangélico, que se mandem vir da Alemanha por meu intermédio. Enquanto porém estes curas não chegam, peço licença à V. Excia. Para poder convidar provisoriamente e desde já, a um sacerdote protestante dos existentes no país, para celebrar os ofícios divinos em Petrópolis, mediante uma razoável gratificação e de mandar preparar para este fim, um oratório e uma sala nos Quartéis dos operários.

Também julgo indispensável que se restabeleça a favor dos numerosos meninos filhos dos colonos, a escola de primeiras letras, que um dos antecessores de V. Excia., o Excelentíssimo Senhor Visconde de Baependi criou em 1840 para os colonos então existentes em Itamarati e que a favor das meninas, V. Excia se digne criar outra escola da mesma qualidade.

Deus guarde a V. Excia.

Assinado: Júlio Frederico Koeler

(Tribuna de Petrópolis, 29-06-61)

Poucos dias antes porém, por um motivo especial, dirigia outro ofício fazendo uma proposta concreta a respeito da vinda do Pastor do Rio de Janeiro. O seu ofício de nº 68 tem o seguinte teor:

“Ilmo. Exmo. Senhor”

Hoje morreu uma criança alemã que já vinha doente do navio e mandei-a enterrar no local que demarqueei para Cemitério protestante. Torna-se, por isso, urgente que venha a Petrópolis o Pastor da Igreja Protestante da Corte, o Reverendo Doutor Frederico Ave Lallemand, não só para abençoar este cemitério, como para fazer alguns batismos e casamentos.

Eu tratei com ele sua vinda para Petrópolis, à razão de 20\$000 de indenização de cada vez, o que me parece razoável, visto que tem que gastar 3 dias em ida, estadia e volta. Julgo que bastará que venha duas vezes por mês.

Digne-se pois V. Excia, aprovar esta medida e officiar ao Diretório da Comunidade Alemã Protestante da Corte, pedindo-lhe consentir que o Reverendo Pastor, à requisição minha, venha uma ou duas vezes por mês à Petrópolis, exercer seu sagrado Ministério, pois, que o mesmo Pastor me declarou, que de outra maneira não poderia fazer.

Eu sei que o Diretório não porá a menor dúvida.

O pastor Protestante mora na Rua dos Borbonos nº 26 e por meio dele V. Excia. Pode dirigir o referido officio ao Diretório.

Petrópolis, 25 de julho de 1845

Ilmo. Exmo. Sr. Candido Batista de Oliveira, D. Presidente da Província.

(Tribuna de Petrópolis 12-11-61)

Concretizou-se a sua proposta, pois no officio nº 51, diz o seguinte:

“Dou parte a V. Excia., que ontem celebrou aqui o serviço Divino Revmo. Cura da Igreja Evangélica Germânica do Rio de Janeiro Dr. Frederico Ave Lallemand. Depois do serviço, procedeu o casamento de 8 casais de colonos e abençoou o Cemitério Protestante de Petrópolis. Todos estes atos religiosos foram praticados e presenciados com o maior acatamento de colonos e por eles aceitos como um benefício mui grande que o Governo Provincial lhes prestou. O Reverendo Cura combinou comigo de vir de 3 em 3 semanas e estar 3 ou 4 dias a fim de ter tempo de exercer seu sagrado Ministério e simultaneamente ensinar a Religião Cristã aos meninos.

Eu acho que não posso marcar ao dito Cura, gratificação menor que 20\$000 por cada vez que ele assim vier e de lhe pagar o aluguel da falua ou da barca de vapor, ida e vinda. Peço a V. Excia, se digne confirmar esta minha deliberação”.

Deus guarde V. Excia.

Petrópolis, 30 de agosto de 1845

Ilmo. Exmo. Sr. Candido Batista de Oliveira, DD Presidente da Província.

(Tribuna de Petrópolis, 12-11-61)

No seu livro “Erinnerungen na Brasilien” o próprio Pastor Frederico Ave Lallemand descreve pormenorizadamente a sua viagem à Petrópolis, dizendo que celebrou o Culto Divino no dia 29 de agosto de 1845.

Com e celebração deste culto, estava de fato fundada a Comunidade Evangélica de Petrópolis.

O primeiro Pastor residente e os planos da construção de uma Igreja.

No dia 19 de outubro de 1845, o Mordomo da Casa Imperial Paulo Barbosa da Silva, assistiu a outro culto divino que se transformou em festa. A respeito das solenidades dirigiu uma carta ao Imperador D. Pedro II, na qual lemos:

“Senhor”

Petrópolis começa a ser não um sonho, mas uma realidade. Já que se festejou no dia 19 do corrente com uma festa suigêneris. Na véspera, já iluminada a casa em que Vossas Majestades Imperiais estiveram, reuniu-se a colônia e um concerto em cores entoou um hino com letras à Vossa Majestade Imperial, a Sua Majestade, a Imperatriz e ao Senhor Dom Afonso, calcadas sobre música do hino “Deus salve o Rei” dos Ingleses, tão bem executados que nos emocionou muito.

Ao amanhecer, foi salvado o dia com 21 ronqueiras. Às 10:00h reuniu-se a Colônia com mais de 2.500 indivíduos, vestindo o melhor que puderam, e cobertos de flores e palmas campestres e à porta do edificio lhes passaram em revista o Presidente da Província e eu, seguidos do Major

Koeler, do Conselheiro Magalhães, do Pastor Protestante, do Doutor e de muitos cidadãos empregados e outros.

Passada a revista, fomos para a Praça da Confluência, (que linda que é) onde estava armado um altar com a imagem do Redentor. Revestido o Pastor pregou um sermão explicativo do Evangelho do dia e depois exortou a Colônia ao amor, respeito e gratidão à Vossa Majestade Imperial, cujo dia era.

Não sei o que lhes disse que tanto os tocou, pois viram-se correr de todos, lágrimas de ternura. (Nós não ficamos isentos desta sensação). Neste momento, Aureliano deu vivas à Vossa Majestade Imperial. Nunca vi tanto entusiasmo! Os homens, as mulheres, os meninos, todos perderam a cabeça de entusiasmo e gratidão.

Procedeu-se ao batismo de alguns meninos que tinham problemas de saúde, dos quais Aureliano e eu fomos padrinhos, ficando os que estão de boa saúde, reservados para quando Vossa Majestade Imperial vier ver a Colônia, pois eles assim o querem.

Festões de flores, arcos e ramagens, cânticos respeitosos e religiosos, era o que se via e ouvia.

Findo o ato religioso, praticado com todo respeito e acatamento que envergonhava os católicos que estavam presentes, desfilou diante de nós a Colônia e foram para suas cabanas e casas e nós os fomos visitar, não todos porque já não se pode visitar toda a Colônia em quatro dias.

Petrópolis, 24 de maio de 1845

(Trechos da carta do Mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa da Silva, ao Imperador Dom Pedro II. (Tribuna de Petrópolis 22-10-61)

“Contudo os diretores da Comunidade Evangélica do Rio de Janeiro, tendo em vista que as ausências do seu Pastor, ao mesmo tempo Diretor e único Professor da Escola da Comunidade, traziam certas inconveniências, chamaram a atenção do Mordomo para o fato de que residia no Rio de Janeiro o Sr. Lippold, homem que já exerceu as funções de Ministro Evangélico na Alemanha. De fato a Comunidade de Petrópolis, recebeu em 1846 na pessoa do Sr. Julius Friedrich Lippold, o seu 1º Pastor definitivo, que se achava no Brasil em viagem de estudos botânicos.

O Pastor Lippold, cidadão alemão tinha então 50 anos de idade. Quando em 1852 adoeceu, o Imperador lhe ofertou a vultosa importância de 5000\$000 para que se submetesse a uma intervenção cirúrgica no Rio de Janeiro. Foi operado com êxito, morreu porém em consequência de febre amarela, contraída em plena convalescença.

O Imperador prometera ao Pastor Lippold, doar um terreno e autorizar a entrega do dinheiro arrecadado para a construção de uma Igreja Evangélica.

Com a morte do Pastor Lippold desvaneceram-se para mais 10 anos as esperanças dos evangélicos de conseguirem sua própria Igreja.

Como consta, os primeiros cultos divinos católicos e evangélicos, foram celebrados num mesmo salão dos denominados Quartéis Provinciais, onde também funcionavam em outras dependências a Diretoria da Colônia, uma das escolas, a enfermaria e a prisão. (Tribuna de Petrópolis 1º de janeiro de 1961).

Mais tarde reuniu-se a Comunidade Evangélica no Engenho e nas salas mencionadas dos Quartéis Provinciais (onde mais tarde funcionou o Fórum de Petrópolis), que era do professor Pedro Jacoby. Este Professor, na falta de Pastor, não só ensinava a religião evangélica às crianças, como também celebrava cultos de leitura. Numa apreciável brochura editada em 1913 lemos: “Tudo isto será eternamente conservado na lembrança e por tudo isto o já há muito falecido, ainda hoje e para todo o sempre, merece a gratidão da Comunidade!”

Em 1862, chegava ao Brasil o Pastor Georg Gottlob Stroele que naquele mesmo ano, apenas em visita à Petrópolis, celebrou o 1º Culto divino na sala do Professor Jacoby. Tinha sido incumbido

pelos seus superiores, de empreender viagens para cuidar da cura de almas entre os colonos evangélicos dispersos no Brasil.

A conselho de moradores do Rio de Janeiro, resolveu porém aceitar o convite de ser Pastor em Petrópolis.

Logo nos primeiros meses conseguiu animar os membros da Comunidade a comprar um terreno na então Rua Joinville, hoje Av. Ipiranga, ao preço de 1.000\$000.

Lançamento da pedra fundamental e construção da Igreja.

Solenemente foi lançada a pedra fundamental no dia 10 de agosto de 1862

Sobre o evento existe um relatório escrito em alemão, cujo autor é desconhecido. Provavelmente trata-se de G. F. Busch, redator em 1862 do Jornal Alemão “Brasília” editado em Petrópolis.

Transcrevemos a seguir alguns trechos do relatório:

“Após um tufão tempestuoso na noite de 9 a 10 de agosto, amanheceu um dia bonito. Estava programado para hoje o lançamento da pedra fundamental para a construção de uma Casa de Deus destinada à nossa Comunidade, cuja existência data de há 16 anos. A seguir ao ofício divino, uma numerosa congregação dirigiu-se ao local da construção onde já tinha sido aprontado o fundamento. Reunidos todos, um pequeno coro deu início à hora solene com um hino apropriado. O professor Jacoby, leu um documento que ia ser depositado numa urna e servir à posteridade como recordação de nossa situação. Em poucas palavras o documento contava em que condições os membros desta Comunidade vieram da Alemanha em 1845 e se empenharam rapidamente com os trabalhos da colonização e salientava que em 1846 o Sr. Dr. Lippold já foi chamado para a cura de almas, para a qual tinha sido nomeado pelo Governo e que o mesmo faleceu em 1852 em consequência da febre amarela. Foi substituído até que em 1853 o Sr. Dr. Hoffmann de D. Francisca mudou-se para Petrópolis, sendo nomeado Pároco. Após esse ter regressado à Alemanha, veio no dia 7 de abril de 1862, depois de longa vacância, o Sr. Pastor Stroele, formado no Seminário da Missão de Basileia, para cuidar da cura de almas da Comunidade desamparada. Deve-se à ele, aquilo que por tanto tempo tinha sido esperado em virtude de lhe ter sido confiado pelo Presbitério a direção da construção da nova Igreja.

A seguir os documentos lidos foram colocados na urna, bem como o Novo Testamento, alguns números do Jornal Alemão “Brasília”, igualmente um exemplar do “Mercantil” e também uma planta primitiva de Petrópolis de autoria de seu fundador, o Major Koeler.

Logo em seguida o Pastor Stroele tomou a palavra, enunciando sua alegria sobre este início. Agradeceu aos vieram por sua presença, aos pedreiros que trabalharam com tanto empenho. Externou sua esperança de ver em breve, quando a construção estiver pronta, todos novamente reunidos aqui, no recinto da Casa de Deus, para a sua inauguração.

O coro encerrou com um hino este dia festivo do lançamento da pedra fundamental.

Quanto à construção, diz o Pastor Stroele: No terreno existia um alicerce, cuja largura conservamos: apenas o aumentamos quanto ao comprimento. Na pessoa do construtor Carlos Kling, achei um homem correto, que confiava em mim, se bem que eu não tivesse dinheiro.”

Parece que a planta foi desenhada pelo conhecido artista Carlos Spangenberg a qual previa duas janelas na fachada e três em cada parede lateral, todas em estilo romano. O altar encimado pelo púlpito, achava-se em frente à abside, fechada por uma parede de madeira. Inicialmente a abside servia de sacristia. Existia uma pequena galeria, onde no dia 21 de julho de 1864, foi instalado um harmonium.

As medidas da igreja eram: 16m por 19,50m. As paredes laterais tem a altura de 6,50m e uma largura de 0,80m. O teto alcança na parte central, a altura de 10 metros.

Inauguração

Para a inauguração e dedicação da Igreja, tinha sido escolhido o dia de Pentecostes, que em 1863 foi a 24 de maio.

Sobre as solenidades da inauguração da Igreja, existe um relatório autentico na Casa Matriz da Missão de Basileia na Suíça.

Trata-se de uma carta que o próprio Pastor Georg Gottlob Stroele redigiu no dia 4 de julho de 1863 ao Inspetor e aos membros da Comissão daquela famosa instituição missionária.

Existe também um outro relatório que menciona as doações recebidas e seus doadores.

A Igreja, obra de gerações.

A Igreja, edificada e dedicada ao serviço de Deus em 1863 era simples. Não possuía torre nem sinos; faltava até o forro. Porém a geração posterior àquela que construiu a Igreja, mostrou-se digna dos antepassados; pois para o 30º aniversário conseguiu preparar a Igreja introduzindo muitos melhoramentos.

Desde o ano de 1890 tomou forma a idéia da colocação do forro, construção da torre e compra de um órgão. Em duas Assembléias Gerais de 1892 resolveu-se iniciar os trabalhos com a colocação do forro, construção da sacristia e uma sala para os confirmandos, ambas localizadas aos lados da abside. Nesta obra seria colocado o altar e sua porta substituída por uma janela. O púlpito teria lugar na parede onde permanece até hoje.

Houve quem fizesse objeções mas o Presbitério constituído pelos Senhores Henrique Moreira da Silva, Henrique Poppe, Henrique Rittmeyer, Friedrich Wilhelm Lindscheid, Carlos Lutz e Henrique Reuther, sendo Pastor o Ver. Richard Haensel, empenharam-se pelas modificações.

Dos serviços de pedreiro foi encarregado o Sr. Felipe Kling, como marceneiro o Sr. Henrique Poppe que se comprometeu a executar os serviços por menos da metade da soma exigida por um concorrente. Também ele ficou encarregado de aprontar o púlpito e um novo altar, o mesmo que existe até hoje.

Durante as obras decidiu-se erigir um grande arco acima do altar, comprar dois lustres e mudar a escada na entrada da rua. O Sr. Lindscheid presenteou a comunidade com um harmonium grande; o Pastor Haensel entregou um vitral e os confirmandos do ano de 1892 deram o cálice para a Santa Ceia.

Somente na Assembléia Geral de 1900 foi autorizada a construção da torre.

A comissão das obras foi formada pelos seguintes senhores: Carlos Kling, Henrique Raeder, Felipe Faulhaber, Frederico Finkennauer, Frederico Voigt e José Weirich.

Na arrecadação dos meios, muitas pessoas ajudaram assim como Associações por meio de concertos e festividades. Em maio de 1901 a obra em alvenaria estava pronta. Enquanto se desistiu de comprar o relógio da torre, encomendou-se dois sinos da Alemanha.

O dia 21 de junho tinha sido escolhido para a inauguração da torre. A comissão de festejos composta por 50 pessoas, preparou as solenidades. O Jornal "Nachrichten" do dia 21 de junho de 1903 noticiava:

"No mês de agosto de 1900 foi lançada a pedra fundamental da torre, após um trabalho de quase três anos" e finalizando o artigo diz: "Não deve ficar omitido o fato de que também por parte da população católica, tanto luso-brasileira quanto alemã, foi contribuído muito".

Por ocasião do 50º aniversário da inauguração da Igreja em 1913, estava reunida em Petrópolis, a Assembléia Geral do Sínodo Evangélico do Brasil Central. Além de outras solenidades, foi apresentada no Palácio de Cristal, uma peça teatral alusiva à reforma Luterana.

Naquele ano, o Pastor Loesch anunciou o fato da Comunidade ter encomendado um órgão de tubos, na conhecida Fábrica de Órgãos Walker em Ludwigsburg. No dia 7 de julho de 1914 a firma comunicou que entregaria o órgão a uma empresa de transportes. Contudo, declarada a 1ª Guerra Mundial, a Comunidade ficou sem notícias a respeito do órgão.

Apenas em janeiro de 1915, o Presbitério soube que desde setembro de 1914, o órgão estava num dos armazéns do Cais do Porto do Rio de Janeiro. Faltavam os documentos e as despesas seriam de 12 Contos.

Pelo Diário Oficial do dia 7 de dezembro de 1915, foi autorizado o leilão do órgão. Graças porém aos esforços do Presbitério e da cooperação de algumas autoridades, as despesas foram reduzidas de forma que os 12 caixotes contendo as partes do órgão, chegaram em Petrópolis no dia 30 de janeiro de 1916.

Devido ao período da guerra, o órgão foi montado e só pôde ser inaugurado em 7 de maio de 1916.

O órgão possui 2 manuais, 1 pedal, 16 registros e 12 registros auxiliares. Compõe-se de 162 flautas de madeira, 76 flautas de zinco, 592 flautas de estanho e 148 flautas de metal. Ao todo são 978 flautas.

Até 1916 todos os planos surgidos no ano de 1900 tinham sido realizados, com exceção de um: a instalação de um relógio na torre. Este foi doado pela família Schlick e inaugurado no dia 1º de janeiro de 1945.

Durante os anos de 1904 até 1945, sempre foi feita a manutenção, tanto da Igreja como da Casa Pastoral e aumentos consideráveis da Escola. No ano de 1929 por exemplo, o Pastor Joseph Hohl realizou uma coleta especial entre os membros da comunidade, quando arrecadou mais de 12.000\$000.

Grandes melhoramentos e até embelezamento foram introduzidos na Igreja por volta do 80º aniversário de construção.

No dia 6 de junho foi aberta uma exposição de fotografias, quadros e outros objetos antigos, da qual ainda permanecem fotografias existentes na sacristia (hoje Museu da Igreja). No culto comemorativo à Reforma daquele ano, foram entregues os novos lustres, castiçais, cruz do altar e principalmente os vitrais das janelas laterais inclusive as pinturas e os símbolos cristãos na ogiva acima do altar.

No ano de 1951 a Igreja foi valorizada por uma reforma do telhado, sendo substituídas algumas peças de madeira e antigas chapas de zinco por telhas de barro.

No dia 21 de setembro de 1952, ouvia-se pela 1ª vez o badalar dos sinos da igreja por meio de mecanismo elétrico.

(Este texto é um resumo do livro: 1º Centenário de inauguração da Igreja Evangélica de Petrópolis e termina com um trecho da prédica proferida pelo Dr. Martinho Lutero no dia da inauguração da primeira Igreja Evangélica construída especialmente na cidade de Torgau no dia 5 de outubro de 1544:

“Meus caros amigos!

Á agora a nossa tarefa de consagrarmos esta nova Casa de Deus e dedica-la ao Senhor Jesus Cristo, tarefa esta que não pertence exclusivamente à mim e não é própria unicamente à mim; contudo vós também deveis usar o aspersório e o incensório ao mesmo tempo que eu, afim de que esta nova casa seja assentada de tal maneira que nela não se dê outra causa a não ser que o nosso amado Senhor Jesus Cristo, fale pessoalmente conosco, mediante a sua Santa Palavra, e que nós da nossa parte, falemos com Ele mediante oração e hinos de louvor. Amém”)